

As insubordinações criativas promovidas nas avaliações em tempos de pandemia.

RESUMO

**Talita Araújo Salgado Alvarez
Faustino**

ta.s.faustino@gmail.com
[0000-0001-6054-1464](tel:0000-0001-6054-1464)

Instituto Padre Machado, Belo Horizonte,
Minas Gerais, Brasil.
Universidade Anhanguera de São Paulo,
São Paulo, São Paulo, Brasil.

**Solange Hassan Ahmad Ali
Fernandes**

solangehf@gmail.com
[0000-0003-0227-1253](tel:0000-0003-0227-1253)

Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, São
Paulo, Brasil.

Este texto foi elaborado a partir de um trabalho desenvolvido¹ em 2020 em uma escola da rede privada da cidade de Belo Horizonte, levando em consideração o cenário educacional provocado pela COVID-19. O ensino remoto trouxe, para muitos professores, certo desconforto, uma vez que muitas escolas contornaram a situação importando o modelo tradicional para o ambiente virtual. Entretanto, essa situação não beneficiou os alunos, uma vez que o ensino remoto revelou particularidades que não são vivenciadas no ensino presencial. Nessa direção, o objetivo da proposta de trabalho, apresentada neste artigo, foi proporcionar às alunas matriculadas na dependência de Matemática uma avaliação de aprendizagem diferente do padrão usualmente aplicado nas atividades presenciais. Essa avaliação foi organizada com base nos interesses das alunas e usando uma estrutura diferente dos moldes solicitados pela escola. As questões contextualizadas sobre números inteiros e equações trouxeram elementos que faziam parte do universo das alunas. O desenvolvimento deste trabalho teve como apoio a Teoria da Insubordinação Criativa, proposta por D' Ambrósio e Lopes (2015), e as ideias apresentadas por Luckesi (2000) sobre avaliação. Nos resultados foi possível perceber que as alunas se sentiram motivadas para realizar as atividades durante a avaliação, e que o seu desempenho melhorou.

PALAVRAS-CHAVE: Insubordinação criativa. Avaliação. Pandemia.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi desafiador! Nos fez aprender a viver isolados fisicamente, mas conectados virtualmente, tanto nas relações pessoais como profissionais. Todos os setores da sociedade precisaram se reinventar de alguma forma, e nesse (re)aprender a viver e conviver, a escola precisou se reestruturar. Estávamos acostumados a um formato de sala de aula e a ensinar de modo muito tradicional, no qual os alunos sentam-se enfileirados um apreciando a nuca do outro e as aulas são, em sua maioria, expositivas. Por muito tempo, ignoramos os avanços tecnológicos e a capacidade dos nossos alunos aprenderem além dos muros das escolas.

Com a chegada do isolamento social, imposto pela pandemia do Corona Vírus, as escolas rapidamente, e em alguns casos desordeiramente, precisaram se organizar para dar continuidade aos estudos. Algumas aderiram a aulas *online* por meio de plataformas e aplicativos, houve aquelas que optaram por videoaulas ou por aulas via televisão e/ou rádio e outras ofereceram materiais impressos para seus alunos. De repente, nos deparamos com as tecnologias como uma das principais (ou a única) forma de acesso ao conhecimento disponível aos nossos alunos; afinal de contas, eles não poderiam ser privados de “aprender”!

E como aprendemos nesse ano que passou! Muitos professores se reinventaram e descobriram outros universos e formas de ensinar e aprender. Outros ainda tentavam continuar seguindo o modelo tradicional das aulas expositivas. Mas o que mudou? Alunos e professores não dividiam mais o mesmo espaço físico. Cada qual estava em sua casa!

As aulas expositivas, que já não alcançavam a todos no modelo presencial, no ensino remoto, passaram a “dar mais defeito”! Sobre isso, o Movimento Todos pela Educação fez a seguinte consideração:

Ensino remoto não é sinônimo de aula online. Há diferentes maneiras de estimular a aprendizagem a distância e, se bem estruturadas, atividades educacionais podem cumprir mais do que uma função puramente acadêmica. O ensino remoto não deve se resumir a plataformas de aulas online, apenas com vídeos, apresentações e materiais de leitura. É possível (e fundamental!) diversificar as experiências de aprendizagem, que podem, inclusive, apoiar na criação de uma rotina positiva que oferece a crianças e jovens alguma estabilidade frente ao cenário de muitas mudanças. Envolvimento das famílias também é chave, já que poderão ser importantes aliados agora e no pós-crise. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p.5).

Diante disso, podemos pensar que o isolamento e o ensino remoto nos obrigaram a repensar nossas formas de ensinar, de lidar com a aprendizagem e rever as metodologias utilizadas nas últimas décadas. Pensando bem, precisamos aproveitar a oportunidade para (re)pensar a escola e a forma pela qual ensinamos e avaliamos nossos alunos.

Porém, no que se transformou o ato de avaliar nesses tempos de pandemia? Como temos realizado isso?

Neste artigo, nossa proposta é refletir sobre o planejamento e a realização das avaliações de aprendizagem no período de isolamento social e nossas ações de insubordinação criativa para que os alunos se sentissem motivados a realizá-

las. Para essas reflexões, inicialmente, é preciso compreender o que é avaliação e qual deve ser nossa postura e olhar frente a essa importante ferramenta.

AFINAL... O QUE É AVALIAÇÃO?

Parece ser importante, antes de tratarmos sobre avaliação, pensar no ambiente escolar. De modo geral, usamos duas palavras distintas para denominar uma situação que, muitas vezes, não representa o que se tem em mente. O que imagina um aluno quando falamos: Hoje haverá avaliação de Matemática. Será que o sentimento é o mesmo quando falamos: hoje teremos uma prova?

Usamos a palavra avaliação e prova para designar o mesmo instrumento, mas será que essas duas palavras têm a mesma intenção? Se analisarmos o significado desses dois vocábulos no dicionário Michaelis, encontraremos para prova a seguinte definição: “Avaliação escolar, em geral com diversas questões, com o objetivo de testar o conhecimento do aluno; exame, teste” (PROVA, 2015). No mesmo dicionário a palavra avaliação é definida como “Ato ou efeito de avaliar(-se). Apreciação, cômputo ou estimação da qualidade de algo ou da competência de alguém. Determinação do preço justo de qualquer coisa alienável” (AVALIAÇÃO, 2015).

Diante desses significados, poderíamos dizer que prova é o mesmo que teste/exame e que avaliação teria outro lugar, pois tem como objetivo verificar a qualidade. Essas ideias são próximas do que Luckesi (2000) apresenta para avaliação e exames:

A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000, p. 1)

Sob essa lente, precisamos pensar no que temos proporcionado aos nossos alunos: estamos fazendo provas ou avaliações? Precisamos compreender que a avaliação da aprendizagem não pode ser encarada como um processo final do ensino e da aprendizagem. Ela faz parte do caminho, pois é por meio dela que nós professores podemos aprender como conduzir o processo de ensino e de avaliação, se devemos mudar nossa direção, se nossos alunos serão capazes de ampliar os conhecimentos adquiridos, entre outros. Entretanto, temos percebido que não é esse o olhar que temos tido em relação à avaliação da aprendizagem. Estamos mais preocupados em classificar e julgar do que em propor estratégias e metodologias que auxiliem na construção do conhecimento.

A pandemia nos obriga a mudar radicalmente nosso posicionamento em relação à avaliação da aprendizagem. Nesse momento, não é possível ter um olhar diferente do “olhar inclusivo e amoroso” proposto por Luckesi (2000). Nosso olhar deve se voltar para o conhecimento construído e para o aproveitamento dos nossos alunos diante das condições a que estão submetidos e as questões propostas. Nesse sentido, D’Ambrosio e Lopes (2014) afirmam que “o ato avaliativo é complexo e requer adequação e coerência com o processo de ensinar e aprender” (p. 65). Que conhecimentos e conceitos eles elaboraram durante as aulas remotas que estamos aprendendo a organizar? Precisamos ter

atenção especial ao elaborar nossas avaliações e para reconhecer os sinais que nossos alunos enviam.

Em relação a esse tema, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assinala que é preciso,

[...] construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (BRASIL, 2018, p.15).

Dessa forma, fica claro que precisamos levar em consideração o cenário que estamos vivendo ao elaborar nossas avaliações.

Não podemos pensar em avaliações somente para demarcar o final de uma etapa ou período, ou como um elemento do calendário proposto pela escola que determina uma data. Cada momento do ensino exige uma forma de avaliar. Podemos dizer que existem ao menos três tipos de avaliação durante os processos de ensino e de aprendizagem que podem ser adequados em diferentes momentos: a avaliação diagnóstica, a formativa e a somativa.

A avaliação diagnóstica, segundo Charret (2020, p.02)

[...] deve ser aplicada antes do início do planejamento, pois é a partir dela que é possível conhecer o estudante na perspectiva do tema a ser trabalhado e só a partir dela saber quais objetivos de aprendizagem podem ser propostos para o grupo de estudantes, ou para diferentes grupos dentro de uma mesma turma. É importante destacar que a avaliação diagnóstica não está relacionada somente aos conteúdos que serão trabalhados, ou ao que o aluno sabe ou não sabe sobre um tema. Para montar uma avaliação diagnóstica eficiente é importante sondar os conhecimentos prévios necessários para a compreensão do tema que será trabalhado, assim como as habilidades necessárias, os interesses que podem engajar os estudantes, os conceitos já construídos, dentre outras coisas.

Dessa maneira, antes mesmo de realizar nosso planejamento de conteúdos e selecionar as metodologias e estratégias de ensino, precisamos identificar os conhecimentos prévios dos nossos alunos, relacionados aos assuntos que serão desenvolvidos sobre determinado conteúdo. O próximo passo é avaliar durante o processo de ensino, com o intuito de verificar se os discentes estão evoluindo e conseguindo acompanhar a progressão do conteúdo trabalhado. Para esse momento, é adequado utilizarmos a avaliação formativa que pode ser caracterizada como:

[...] pequenas avaliações, dinâmicas e variadas, que possam alimentar o processo de ensino com informações sobre o desenvolvimento dos estudantes, dentro da temática de trabalho, para corrigir o curso das ações e garantir que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados da melhor forma possível por todos os alunos. (CHARRET, 2020, p.3).

É a partir dos resultados das avaliações formativas que conseguimos perceber se nossas escolhas de estratégias e metodologias foram eficazes, se é necessário mudar a maneira com a qual estamos conduzindo o ensino. Para aqueles alunos que não atingiram o melhor resultado, é possível pensar em estratégias para “trazê-los de volta” ao planejamento e, assim, atingirem os objetivos necessários para a aprendizagem.

Por fim, temos a avaliação somativa, um instrumento que nos oferece uma visão geral do processo de ensino e o que foi aprendido pelos alunos. É por meio desse recurso que poderemos analisar se os objetivos propostos, em nosso planejamento, foram alcançados e, caso isso não aconteça, devemos mostrar uma rota singular para assegurar a evolução daqueles que ainda estão em processo de assimilação.

Esses são os tipos de avaliações que fazem ou deveriam fazer parte do processo de ensino; mas como elaborar essas avaliações? Luckesi (2012) afirma que “a avaliação só pesquisa a qualidade dos resultados”. Assim, para termos bons resultados, é preciso que se tenha um instrumento de qualidade e, para isso, é imprescindível ficarmos atentos às questões que elaboramos. Ainda de acordo com Luckesi (2000, p. 5) “muitas vezes, nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, os julgamos, incorretamente, como incompetentes”.

Isso implica que nossos instrumentos de coleta de dados precisam estar de acordo com as habilidades que estamos avaliando. É preciso que eles sejam pertinentes aos conteúdos trabalhados e que usem a linguagem apropriada. Não devemos, de forma alguma, dificultar a aprendizagem de um estudante. Diante desse cenário, devemos elaborar avaliações que tenham relações com o conteúdo trabalhado, mas que também abordem assuntos de interesse dos nossos alunos. As atividades propostas em uma avaliação devem propiciar situações em que os estudantes mostrem suas capacidades (D’AMBROSIO; LOPES, 2014). Não podemos criar avaliações contextualizadas em situações que vivemos ou de nossos interesses. O contexto do aluno não coincide em gênero, número e grau com o do professor.

De acordo com Lyle apud Cafardo (2020, online) aponta: “É responsabilidade da escola ter estratégias para diferenciar a aprendizagem nesse momento” (s/p). Contudo, nem todos os profissionais de Educação atribuem o sentido correto ao termo “diferenciar a aprendizagem” quando vivemos tempos de pandemia. Muitas escolas têm tentando seguir o modelo já adotado nos estudos presenciais, com provas formais, com um número mínimo de questões, sendo necessária a mescla entre questões abertas e fechadas, além de um tempo predeterminado para a realização das provas. Acreditamos que esse método de avaliar já não era eficiente durante as aulas presenciais, agora muito menos. É preciso modificar os instrumentos de avaliação. Um exemplo apresentado por Lyle apud Cafardo (2020, online) foi: “[...] os professores pediram que eles [os alunos] elaborassem projetos sobre como tem sido o período de quarentena, houve quem enviasse vídeos, desenhos e até um trabalho sobre Minecraft, o jogo de videogame.” Precisamos fazer com que as avaliações abordem assuntos ligados ao dia a dia dos nossos alunos, que seja idealizada a partir de suas preferências, sejam elas musicais, artísticas, entre outras.

Ao ter que trabalhar em situação e estrutura diferenciadas, precisamos aproveitar a oportunidade para inserir novas práticas, com o intuito de melhorar a aprendizagem e estabelecer novas ligações entre os alunos e a matemática escolar. Talvez a pandemia nos permita, de certa maneira, desmistificar a matemática escolar e fazer com que ela faça parte do dia a dia dos nossos alunos. Segundo Fernandes e Healy (2020, p. 211)

É preciso compreender que a matemática escolar impacta de maneira diferente (positiva ou negativamente) a vida das pessoas e que ela pode e deve ser acessível e útil a todos, mas sem deixar de respeitar as particularidades dos indivíduos. A matemática escolar caminha engessada há anos e o país não consegue avançar educacionalmente.

Para modificarmos a matemática escolar, precisamos muitas vezes romper com paradigmas e até mesmo com o currículo. Um caminho para isso pode ser a insubordinação criativa.

INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

A tarefa de ensinar não é fácil. O trabalho de um professor exige horas de planejamento, estudos, discussões e reflexões. Nesse ofício, nos cabe um lugar cruel, pois é de nossa responsabilidade atestar se um aluno aprendeu ou não determinado assunto. Somos muitas vezes o fiel da balança. Nesse último ano, essa árdua tarefa se tornou ainda mais difícil, mas podemos vê-la como motivação para mudanças significativas na Educação.

O fato de estarmos à distância vem nos obrigando a reformular nossas aulas, nossas concepções sobre o ensino e, acima de tudo, a forma com a qual os alunos se relacionam com o conhecimento. A pandemia nos tem feito refletir muito sobre nossas práticas, valores e até mesmo pensar nos conteúdos abordados na sala de aula. Percebemos que não cabe, nesse formato, o modelo tradicional, mas, infelizmente, nem sempre, as instâncias da escola conseguem perceber a urgência de reformularmos nossas aulas e avaliações.

Com isso em mente, consideramos pertinente tratar sobre a Teoria da Insubordinação Criativa. Segundo D'Ambrósio e Lopes (2015), a insubordinação criativa despontou em 1981 e foi um recurso utilizado por gestores de escolas diante da burocracia educacional, ou seja, eles percebiam a necessidade de não aceitarem as decisões superiores em benefício "da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social" (D'AMBRÓSIO; LOPES, 2015, p. 2). Há também o uso da insubordinação criativa em estudos ligados à área de enfermagem, em que profissionais deste segmento rompem com regras com intuito de preservar e criar melhores condições para os pacientes (D'AMBRÓSIO; LOPES, 2015). Assim, a insubordinação criativa pode ser vivenciada em diferentes áreas, não somente na educação.

Entendemos a insubordinação criativa na Educação como uma atuação do professor que, a partir de suas reflexões e conhecimentos, rompe com o comportamento padrão ou esperado, pois percebe que é necessário para o bem de seus alunos "mudar os trilhos" e fazer um pequeno desvio. Mas isso não implica que essa mudança de rota aconteça de forma desordenada; muito pelo contrário, suas ações são estudadas e calculadas para que seus objetivos sejam realmente alcançados.

Ao ler os textos de Gutierrez (2013), podemos perceber atos de insubordinação criativa em diferentes situações envolvendo o Ensino da Matemática. Usamos essa ação quando justificamos a desigualdade entre o aproveitamento dos estudantes, ao nos opormos à maneira pela qual a Matemática é apresentada aos alunos, ao demonstramos que a disciplina de

Matemática pode apresentar imprecisões, ao permitirmos que os discentes sejam “autores da matemática” (GUTIERREZ, 2013 apud D’AMBRÓSIO; LOPES, 2015, p.3). Essas palavras reforçam a ideia que temos de insubordinação criativa, uma vez que, mesmo sem nos darmos conta, ela acontece diariamente nas nossas salas de aula e fora dela. Isso é, como professores, nosso modo de agir é orientado para que nossos alunos tenham maior possibilidade de êxito no seu processo de aprendizagem. Ainda sobre essa questão, D’Ambrósio e Lopes, (2015, p.3) afirmam que “as ações de subversão responsável do professor e do pesquisador, em suas atividades decorrem do desafio que lhes é apresentado em múltiplas situações para as quais não encontram respostas pré-estabelecidas”.

Para um professor ser insubordinado criativo, é preciso que ele tenha, acima de tudo, ética profissional e senso de justiça social, pois as ações insubordinadas criativas desencadeadas devem ter o propósito de fazer com que os alunos aprendam e alcancem o melhor resultado possível e, principalmente, os tornem cidadãos críticos e atuantes. Nesse contexto, o professor não acredita que a aprendizagem se dá por meio da transmissão de conhecimentos e não permite que sua atividade docente se restrinja ao que é proposto em currículos ou ao projeto pedagógico da escola.

Como mencionado anteriormente, o trabalho docente é complexo e exige horas de estudos, planejamentos, discussões e reflexões. Nesse processo de análise de suas práticas, o professor pode tornar-se autônomo ao considerar a necessidade de se libertar de conceitos e preconceitos que limitam a sua capacidade de criar e ousar. A autonomia lhe dá a capacidade de fazer escolhas, optar por outros caminhos, de se insubordinar contra aquilo que ele não acredita.

As escolas muitas vezes exigem um padrão de aulas e avaliações que devem ser enquadrados por todos os professores, independentemente da área do conhecimento, do conteúdo trabalhado e até das especificidades das turmas. Em seus trabalhos, D’Ambrosio e Lopes (2015) afirmam que a insubordinação criativa é fruto de um profissional autônomo, criativo, crítico e reflexivo.

Nós, educadores matemáticos, precisamos ousar, em nossa produção de conhecimento, de forma autônoma, a partir de nossas visões de mundo, constituídas por crenças e concepções adquiridas ao longo de nossas vidas, mas lembrando-nos sempre de considerar, nos processos de interações sociais dos espaços formativos, a heterogeneidade e a diversidade. (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p.6).

No período de afastamento social, não estamos em nosso habitat natural. Nossas salas de aulas foram transformadas, e por que não ousar em nossas aulas e avaliações? Nossas práticas acabam nos definindo como pessoa e como profissional, além de mostrar como cada um se relaciona com o conteúdo que leciona. Lopes, D’Ambrosio e Corrêa (2016), afirmam, em seu trabalho, que:

[...] cada professor é único, e define suas práticas com base em traços de personalidade, sentimentos, crenças e expectativas. Quando movidos para melhorar a aprendizagem dos alunos e investir na melhoria das condições em que essa aprendizagem ocorre, os professores criam e colocam padrões de movimento e procedimentos que estão alinhados com a sua identidade profissional. Essas atitudes são de forma responsável subversiva e resultam em atos de insubordinação criativa. (LOPES; D’AMBROSIO; CORRÊA, 2016, p.288).

Diante disso, podemos afirmar que a insubordinação criativa pode aparecer em qualquer momento da prática de um professor. Ela pode se manifestar na forma diferente de conduzir determinado conteúdo, em um modo diferente de avaliar ou, até mesmo, quando ele olha para o currículo e analisa quais pontos, naquele momento, são interessantes e propícios para serem abordados. Percebemos que não é preciso muito esforço para ser insubordinado. É necessário ter empatia, ser consciente de seu papel e de sua responsabilidade e dos objetivos os quais quer alcançar, e ter a capacidade de realizar essas ações com criatividade. Aliás, o significado da palavra criatividade é a “capacidade de criar ou inventar, engenho, engenhosidade, inventiva” (CRIATIVIDADE, 2015), ou seja, o professor precisa criar situações que atendam aos seus desejos de forma a beneficiar seus alunos com ética e responsabilidade.

Precisamos, também, ter uma postura de saber ouvir para proporcionar uma educação emancipadora, que aborda questões sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais. É preciso dialogar com nossos alunos, ouvir suas demandas, saber compreender o que eles sabem de mundo.

Com essas questões em mente, iremos discorrer sobre uma de nossas práticas avaliativas. Nosso intuito é inspirar professores a serem insubordinados criativos em suas avaliações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo apresentamos dados de uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2012), diferente dos estudos quantitativos na pesquisa qualitativa os dados são colhidos de forma padronizada e tratados com técnicas de análise que oferecem ao pesquisador segurança quanto a fidedignidade dos resultados obtidos.

Essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede privada de Belo Horizonte que atua do Ensino Fundamental anos iniciais até o Ensino Médio, a professora de matemática do Ensino Fundamental anos finais é pesquisadora e uma das autoras desse artigo.

Com a chegada da COVID 19 e do decreto nº 17.304 que orientou o isolamento social, as aulas presenciais na escola que desenvolvemos a pesquisa foram suspensas em meados de março de 2020. Na ocasião, assistíamos a quatro turmas do Ensino Fundamental II, uma de cada ano escolar desse segmento. Além disso, no contraturno, havia duas turmas de dependência² (17D e 18D). A dependência ocorria no contraturno (período da tarde), uma vez por semana com duas horas aulas.

Para atender as demandas ocasionadas pelo afastamento social, a escola, na qual desenvolvemos a proposta de avaliação, passou a oferecer aulas remotas usando o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle. Nesse espaço, disponibilizamos atividades, material de apoio, criamos fóruns temáticos e um fórum de dúvidas e oferecíamos os links para as aulas *online*. Para os alunos matriculados no ensino regular, eram oferecidos três encontros *online* de matemática, com duração de 40 minutos, uma postagem de tarefa e o desenvolvimento de um fórum temático por semana. Para os discentes inscritos na dependência, tínhamos um encontro *online* e uma postagem de tarefa por semana.

Diante dos resultados das avaliações que aconteceram com os alunos matriculados no ensino regular, percebemos que era necessário alterarmos a estrutura das avaliações para os alunos matriculados na dependência. Assim fizemos, modificamos a estrutura das avaliações dos alunos da dependência, publicamos em nosso ambiente virtual, no dia marcado para o acontecimento da avaliação os alunos acessaram realizaram as atividades solicitadas em seguida corrigimos e realizamos uma comparação entre as avaliações que seguiram o padrão solicitado pela escola e a avaliação que elaboramos para os educandos da dependência.

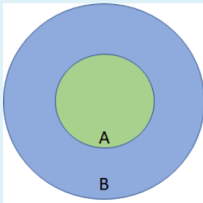
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após quatro meses de aulas remotas, aconteceram as primeiras avaliações. A primeira experiência de provas *online* ocorreu com as turmas do ensino regular. A coordenação definiu que as avaliações deveriam ter no mínimo 10 e no máximo 20 questões, os valores atribuídos às questões somariam no máximo 10 pontos, que deveríamos ter questões fechadas e abertas que contemplassem os conteúdos trabalhados de março a junho e que as provas aconteciam no horário das aulas *online* de cada uma das disciplinas.

Não foi uma tarefa fácil elaborar as provas no formato pedido, pois foi um trabalho muito intenso e exaustivo, considerando que o modelo proposto era muito engessado, que os alunos realizariam as avaliações em suas casas com os seus equipamentos eletrônicos, que a falta de contato presencial causou insegurança, além da falta de experiência em situações como a que se apresentava.

Figura 1 – Exemplo de questões da primeira prova – 8º ano

Um alvo é composto por duas regiões, A (verde) e B (azul), conforme a figura abaixo.



Nesse alvo, cada flecha que atinge a região A vale x pontos e cada flecha que atinge a região B vale y pontos. Fernando atingiu a região A com 7 flechas e a região B com 10 flechas. Escreva a expressão algébrica que representa o total de pontos que Fernando marcou.

Resposta:

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Durante a correção da prova, percebemos que alguns alunos tiveram um bom desempenho, mas outros não. Nesse primeiro momento, essa situação chamou a atenção, pois esperávamos melhor desempenho, uma vez que eles estavam fazendo as avaliações em casa e poderiam consultar seus cadernos e livro, os pais e até mesmo a internet.

Com o propósito de “avaliar a avaliação e as aulas remotas de Matemática”, a última questão da prova pedia para que os alunos fizessem uma autoavaliação desses meses de aula. Muitos aproveitaram a oportunidade para falar sobre seus sentimentos e suas dificuldades diante da nova realidade.

Nos relatos realizados pelos alunos, muitos apontaram como era difícil estudar à distância, o quanto estava sendo difícil adaptar-se a esse modelo de ensino e como algumas questões técnicas, como a qualidade ruim da internet e o fato de não terem domínio do ambiente virtual, dificultavam ainda mais o aprendizado. Cabe ressaltar que a prova de matemática foi a primeira prova *online* realizada por todos os alunos do Ensino Fundamental II.

Diante dos relatos dos alunos nas provas, nós lhes solicitamos um *feedback* da primeira prova *online*, no qual eles deveriam relatar o que acharam da prova e dizer se tinham alguma sugestão para as próximas. As respostas foram as mais diversas, como podemos observar no Quadro 1:

Quadro 1: Respostas dos alunos do turno regular

Aluno	Resposta
Aluno 1	Eu não gostei muito da ideia de fazer prova <i>online</i> , achei bem mais difícil do que fazer presencialmente, não tive dúvida em relação à matéria.
Aluno 2	Gostaria de ter mais oportunidades de fazer a prova <i>online</i> , porém perante a situação que estamos vivendo, prefiro a prova presencial. Potencialmente para a matéria de matemática são necessários muitos cálculos e com a prova <i>online</i> acaba ficando confuso e até mesmo toma mais tempo, porém é muito bom não ter que passar a limpo... rrsrrs.
Aluno 3	Eu achei que foi mais ou menos bom, pois as vezes dava uma falta de tirar uma dúvida sobre algumas questões na hora da prova, e uma coisa que eu não gostei muito foi que todos nós tivemos a oportunidade de colar da internet (não estou falando que eu colei), mas eu acho que isso vai dificultar no aprendizado de algumas pessoas lá para frente.
Aluno 4	Em relação à prova <i>online</i> , eu até gostei, porque é uma experiência nova e diferente e, na minha opinião, é bom experimentar novos meios de estudos e atividades da escola, também é bom sair um pouco daquela rotina de fazer prova dentro de sala de aula, escrever em um papel que depois de várias e várias vezes de escrever e apagar fica aquele borram preto das contas no papel, e outra coisa boa é que fazendo prova <i>online</i> nem precisaria de utilizar lápis, caneta e muito menos borracha. Minha dificuldade são as questões que envolvem letras elevadas com números em forma de frações e para piorar que estão elevados com números negativos. Não é nada contra a professora nem nada, é somente as abençoadas das contas que me tiram do sério, porque quanto entendo sempre tem algo a mais para “PIORAR NOSSA VIDA”. Proponho provas com menos questões e que não tenham letras envolvidas, exemplo: Questão 2 letra a, depois tem que fazer a letra b ou dependendo vai até a letra c. Isso faz perder tempo (sinto muito pela última frase).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Nesse primeiro retorno dos alunos, pudemos perceber que o fato de fazer prova *online* provocou diferentes sentimentos nos alunos, alguns não gostaram da experiência e outros acharam interessante participar da experiência. Destacamos as considerações do Aluno 3 em relação à possibilidade de “colar” uma vez que os alunos têm acesso à internet. Para esse aluno, até mesmo

durante a avaliação, é possível aprender, já que se podem fazer perguntas para o professor, mas, para ele, consultas na internet “pode dificultar o aprendizado” no futuro. Diante dos resultados obtidos na primeira avaliação e dos relatos dos alunos, pensamos elaborar uma prova diferente do formato proposto pela coordenação para a primeira avaliação dos alunos matriculados no curso de dependência.

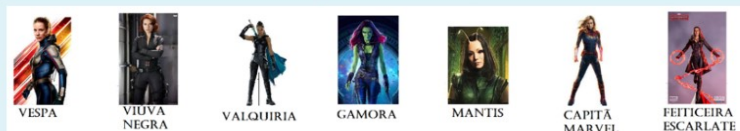
Para este artigo, selecionamos a turma 17 D, composta por três meninas que cursam, no turno da manhã, o oitavo ano e, no contraturno, tem aulas com o conteúdo do sétimo ano. Essas meninas acreditam que não sabem e não são capazes de aprender Matemática, além de entenderem que essa disciplina não tem relação com o dia a dia delas. Nesses primeiros meses de aulas, foram desenvolvidos com a turma os seguintes conteúdos: Conjunto dos Números Inteiros, operações e equações.

Nossa ideia era propor uma prova diferente do que elas estavam acostumadas. Para isso, precisávamos saber um pouco mais sobre essas alunas. Assim, elaboramos um questionário com o intuito de saber um pouco mais sobre os interesses delas. Fizemos perguntas sobre o estilo musical que elas gostavam, a música preferida, se assistiam séries e quais, se gostavam de youtubers, estilo de filmes, entre outros. A ideia era determinarmos temas comuns para abordarmos em nossa avaliação. O fato de estarmos em isolamento social dificulta conhecermos mais sobre o cotidiano dos nossos alunos, mas, em um primeiro momento, o questionário nos mostrou que elas não apresentavam afinidades, o que nos levou a promover conversas informais em um grupo do WhatsApp, criado no início da quarentena. Esse canal nos permitiu perceber que elas tinham interesses comuns, como os filmes da Marvel, as músicas da Marília Mendonça e algumas séries como *Teen Wolf*.

Após essa triagem, preparamos uma prova contendo nove questões. Oito dessas questões abordavam os conteúdos matemáticos trabalhados nessa primeira etapa, a última questão dessa prova foi denominada “autoavaliação”, na qual as alunas deveriam fazer uma comparação entre a prova *online* feita no ensino regular e a prova realizada na dependência.

Figura 2 – Exemplo de questões da primeira prova da turma de dependência

Em diferentes filmes da Marvel nos deparamos com heroínas, e nem todas tem poderes sobrenaturais, mas sabemos que todas elas sabem lutar muito bem. Vamos imaginar que elas foram colocadas sobre uma reta numérica, e que a Gamora está localizada na origem dessa reta numérica.



Sabendo que todas as heroínas estão equidistantes em relação a Gamora, responda:

- Qual a posição ocupada pela Feiticeira Escarlate?
- E pela Viúva Negra?
- Qual heroína é o ponto simétrico da Valquíria?

Vamos planejar uma viagem para as férias? Esperamos que até janeiro de 2021 seja possível realizar viagens com segurança.

Segue a lista de cidades na qual podemos escolher o nosso destino para viajar, o fuso horário está em relação ao de Brasília.

Cidade	Fuso horário	Temperatura mínima	Temperatura máxima	Tempo de voo
Acapulco (México)	-2 horas	22° C	31° C	13 horas
Atenas (Grécia)	+6 horas	6° C	13° C	14h e 10 min
Berlin (Alemanha)	+5 horas	-10° C	15° C	15h e 10 min
Vancouver (Canadá)	-4 horas	-1° C	9° C	18 horas

- Dentre as cidades apresentadas qual delas você gostaria de ir?
- Considerando o fuso horário, se são 14:30 do dia 20-07-2020 no Brasil, que horas será no seu destino escolhido?
- Considerando que seu voo sairá do Brasil às 2h 30 min do dia 02 de janeiro de 2021 e considerando o tempo de voo e o fuso horário. Qual será o horário local da cidade escolhida?

Agora é sua chance de ser o autor!

Crie uma charada ou enigma para que eu (Talita) possa resolver. No final verifiquem se está tudo certo para que eu consiga chegar a resolução!

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Para essa prova, procuramos criar questões envolvendo temas do interesse das alunas. No exemplo acima, escolhemos personagens femininos de filmes que elas gostavam e demos a oportunidade para que criassem situações problemas para desafiar a professora. Ao propor atividades envolvendo assuntos que fazem parte do universo das alunas, acreditávamos que elas se sentiriam mais motivadas e que teriam outra visão em relação à prova, não considerando apenas o caráter formal da avaliação, mas como uma situação divertida. Na Figura 3, podemos confirmar como os temas selecionados realmente faziam parte do dia a dia das nossas alunas.

Figura 3 – Resolução da aluna 7 para a questão 3

Teen Wolf (Lobisomem Adolescente) conta a vida do adolescente Scott McCall que muda completamente quando ele é mordido por um lobisomem em uma noite, enquanto procurava um cadáver com seu melhor amigo "Stiles" na floresta. Scott então, torna-se um lobisomem e deve aprender a conviver com sua nova identidade problemática e com sua vida adolescente. O primeiro episódio da série foi exibido em 5 de junho de 2011 e o episódio final em 24 de setembro de 2017. Foram 6 temporadas de sucesso. Sabendo que cada temporada tem em média 20 episódios, quantos episódios foram exibidos durante os anos em que a série esteve no ar.

em media 120

6 temporadas . 20 episodios= 120 episodios

(na realidade só teve 100)

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Observem que a aluna 7 resolve a atividade usando as informações dadas no texto; contudo, deixa entre parênteses quantos episódios a série realmente teve. Podemos perceber aqui que ela usa um modelo matemático para responder à atividade; entretanto, ela nos mostra que ele não representa a realidade da série. Na estrutura dessas questões, revela-se nossa insubordinação criativa, pois rompemos com o que foi solicitado inicialmente, ter no mínimo 10 questões considerando abertas e fechadas e ampliarmos o prazo para as alunas entregarem a prova. Ao planejar essa avaliação, assumimos uma postura autônoma e criativa, dando vazão a nossa identidade profissional e pessoal. Como Luckesi (2000) aponta, a prova deve deixar de ser um instrumento de julgamento para ser um recurso de análise do melhor desempenho e resultado. Para nós, além disso, a prova deve ser inclusiva e amorosa.

O desempenho das alunas na prova realizada na dependência foi muito bom! As notas foram melhores e, na avaliação delas, o formato da prova foi mais interessante. Conforme os depoimentos abaixo (Quadro 2):

Quadro 2: Relato das alunas da dependência

Aluna	Relato
Aluna 5	A prova do 8º ano foi uma prova normal que já estamos acostumadas a fazer, já essa prova do PROPAR ³ foi bem diferenciada, gostei bastante pois nunca tinha feito uma prova desse tipo antes. Imagino que nas próximas provas talvez sejam legais como essa... Pelo menos eu espero que seja kkkk, achei bacana.
Aluna 6	Acho que essa prova que estou fazendo achei super interessante, pois falou de assuntos que eu gosto e me interesse, agora a outra prova achei chata de fazer, pois não sou fã de matemática.
Aluna 7	Eu achei uma experiencia [sic] muito legal fazendo as duas provas porem[sic] achei esse estilo mais divertido, pois contem [sic] assuntos que eu gosto, e, para mim, foi mais dinâmico.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Ao analisar as falas das alunas, podemos perceber que mudar a estrutura da prova trouxe a elas outro sentimento. Elas sentiram-se motivadas a fazer a avaliação. É interessante notar que, como aponta a Aluna 5, a prova era diferente da “prova normal”, pois tratava de assuntos de seu interesse como apontou a Aluna 6, para quem “a outra prova” é “chata de fazer” uma vez que ela não é “fã de matemática”. Considerando as falas das alunas, é possível verificar que o caráter menos formal de apresentar as questões da prova de matemática fez com que o momento de avaliação fosse mais dinâmico.

Como mencionado por Gutierrez (2013), podemos dizer que cometemos dois atos de insubordinação criativa nessa situação; o primeiro deles ocorreu ao nos opormos à maneira pela qual a matemática é trabalhada com os alunos, o outro ao propiciarmos momentos nos quais os alunos pudessem ser “autores”.

Percebemos o quão importante para aquelas alunas foi reestruturar a avaliação, assumindo um ato de insubordinação criativa e contrariando o modelo de avaliação proposto pela coordenação. Abandonando o padrão solicitado pela escola, reduzimos os números de questões, ampliamos o tempo para a realização da prova e criamos questões envolvendo assuntos de interesse das alunas. Essa reestruturação foi positiva e está alinhada com que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apresenta para o momento de pandemia e para o ensino remoto,

Novas abordagens pedagógicas eficazes são necessárias para manter os alunos motivados e engajados durante este longo período de aprendizagem online, especialmente porque as taxas de abandono do ensino à distância são geralmente mais altas do que a aprendizagem baseada no campus (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2020, p.4. tradução nossa).

Esse movimento de mudança, que aconteceu durante a pandemia, nos motiva a continuar a busca por novas estratégias e metodologias para nossas aulas, e para repensarmos o sentido e a estrutura das avaliações às quais submetemos nossos alunos. Mas precisamos destacar, também, que, para essa avaliação nesse formato acontecer, contamos com a parceria da nossa supervisora que, após a leitura da atividade, respondeu o e-mail com os seguintes dizeres: “Bom dia Talita. Achei sua prova linda! É isso que eu penso de prova. [...] Parabéns! Apesar de parecer pequena, é trabalhosa, textos grandes...”. Ter esse apoio e parceria de supervisores é fundamental para que nós, professores, tenhamos mais autonomia e insubordinação criativa. Essa visão do gestor é importante, e sobre isso D’Ambrosio e Lopes (2014) apontam:

Cada gestor exerce sua função de acordo com suas concepções de educação, formação e trabalho pedagógico. Essa perspectiva de trabalho que ele assume decorre de sua identidade profissional, e alguns profissionais entende que sua função implica vigilância e controle e, por perceberem o exercício de seu cargo dessa forma, suas atitudes geram conflitos com os professores, os quais esperam de seus gestores apoio, orientação e colaboração. (D’AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 56).

Cabe um momento especial de reflexões sobre as práticas que passamos a utilizar durante a crise sanitária para que o “novo normal escolar” as incorpore e, quem sabe, aproxime a matemática escolar daqueles a quem ela se destina.

CONCLUSÃO

Refletindo sobre tudo o que foi vivido durante o ano de 2020, podemos destacar aspectos que podem ser muito positivos se estivermos prontos para ver as verdades que a COVID 19 escancarou; entre elas, a necessidade urgente de reformularmos nossa prática pedagógica. Em nossa pesquisa, percebemos que o professor que tem a autonomia e que reflete acerca de sua prática, buscando sempre aprimorar seu trabalho, tem grandes chances de sucesso, mesmo que essas mudanças comecem timidamente, como no nosso caso. Iniciamos essa mudança na estrutura de uma avaliação e, a partir disso, fomos modificando a maneira de conduzir as aulas, de elaborar as tarefas semanais e até mesmo a relação com os alunos.

A insubordinação criativa insurgiu nesse último ano de trabalho e desejamos que continue presente quando os trabalhos presenciais forem retomados. Agora, mais do que nunca, temos que ter em mente que o processo de ensino e aprendizagem precisa estar “[...] aberto às curiosidades dos alunos, às suas inquietações, aos seus questionamentos, às suas inibições, o que exige do docente agilidade para adequar suas propostas pedagógicas” (D’AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 57).

Ao interagir com nossas alunas da turma de dependência com o intuito de buscar informações sobre seus hobbies, estilos musicais e outras atividades vivenciadas fora da escola, levantamos elementos que nos permitiram criar uma avaliação diferenciada e acolhedora, que possibilitou a mudança de sentimentos dos alunos em relação à matemática escolar. Isso fez com que a avaliação fosse vista com mais leveza pelos alunos e pela professora. Ao (re)pensarmos nossos instrumentos de avaliação, rompemos “[...] com a dimensão autoritária dos instrumentos avaliativos, tornando-os dialéticos e identificadores de novas possibilidades para o ensino e aprendizagem” (D’AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 67).

A prática avaliativa, inaugurada com a turma de dependência, foi ampliada para as turmas do ensino regular. As manifestações e o desempenho dos alunos revelam que eles estão mais motivados, tanto para as aulas de matemática quanto para fazer as avaliações que agora guardam surpresas e desafios. De modo geral, o temor e a ansiedade, que muitas vezes pairava nos momentos de avaliação, foram minimizados. Nossas avaliações de aprendizagem envolvem mais do que conhecimentos específicos e a contagem dos erros. Nos importa saber o que os alunos sabem e os pontos que ficaram frágeis e precisam ser retomados. Acreditamos que nossas avaliações passaram a refletir uma postura consciente e social.

A cada nova avaliação, nós nos deixamos surpreender pelo que virá e pelas expectativas dos alunos. Sabemos também que, ao retornar para o ensino presencial, os alunos farão uma avaliação diagnóstica para verificar o que foi aprendido durante o afastamento social. Ao elaborar essa avaliação, é necessário ter em mente o contexto vivido por todos nós durante o período de pandemia e é imprescindível que essa prova seja elaborada de forma criativa, usando contextos de interesse dos alunos e que façam sentido para eles que tiveram uma vivência muito diferente da que tinham antes da pandemia. Essa avaliação deve revelar toda sua insubordinação criativa, PROFESSORA/PROFESSOR!

THE CREATIVE INSUBORDINATIONS PROMETED IN ASSESSMENTS IN TIMES OF PANDEMIC.

ABSTRACT

This text was elaborated from a work developed in 2020 in a private school in the city of Belo Horizonte, taking into account the educational scenario caused by COVID 19. Remote teaching brought a certain discomfort to many teachers, since many schools bypassed the situation by importing the traditional model into the virtual environment. However, this situation did not benefit the students, since remote teaching revealed particularities that are not experienced in classroom teaching. In this sense, the objective of the work proposal presented in this article was to provide students enrolled in Mathematics “dependency” [When the school offers “dependency”, it does something important, avoiding penalizing the student and not jeopardizing the continuity of studies, which happens when the student fails] with an assessment different from the standard usually applied in classroom activities. This evaluation was organized based on the students' interests and using a different structure than the templates requested by the school. The contextualized questions about integers numbers and equations were part of the universe of the students. To develop this work we rely on the Theory of Creative Insubordination proposed by D'Ambrósio and Lopes (2015) and on the ideas presented by Luckesi (2000) on evaluation. In our results, we noticed that the students felt motivated to carry out the activities during the evaluation, and we noticed that the performance of these students improved.

KEYWORDS: Dependency. Creative insubordination. Assessment. Pandemic.

NOTAS

1. Este trabalho é uma versão estendida de um relato de experiência apresentado no II Encontro Nacional Educação Matemática Inclusiva – novembro de 2020.
2. No nosso caso, alunos inscritos na dependência são aqueles que foram reprovados em matemática no ano anterior. Assim na parte da manhã eles cursavam sua turma regular e no período da tarde participavam das aulas de matemática correspondentes ao ano escolar no qual ficaram retidos.
3. Na escola o curso de dependência é chamado de Programa de Progressão Parcial, que usualmente chamamos de PROPARG.

REFERÊNCIAS

- AVALIAÇÃO. In: **Dicionário Online Michaelis**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/avalia%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 06 jan. 2021.
- BELO HORIZONTE. **Decreto nº 17.304, de 18 de março de 2020**. Determina a suspensão temporária dos Alvarás de Localização e Funcionamento e autorizações emitidos para realização de atividades com potencial de aglomeração de pessoas para enfrentamento da Situação de Emergência Pública causada pelo agente Coronavírus - COVID-19. Curitiba: Câmara Municipal, [2007]. Disponível em: <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/edicao/2716>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 01 ago. 2020
- CAFARDO, Renata. Reprovação e notas são polêmica durante pandemia. **Terra**, v. 8, jun. 2020. Educação. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/reprovacao-e-notas-sao-polemica-durante-pandemia,cbe023e97b8eeeab0984af5e6e8595f6nejapzq7.html>. Acesso em: 06 ago. 2020.
- CHARRET, Heloize. **Avaliação para favorecer a aprendizagem ativa**. 2020. Disponível em: <https://porvir.org/avaliacao-para-favorecer-a-aprendizagem-ativa/>. Acesso em: 06 jan. 2021.
- CRIATIVIDADE. In: **Dicionário Online Michaelis**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/CRIATIVIDADE/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. 110 p.

D'AMBROSIO, B., S.; LOPES, C., E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro, v. 29, n. 51, p. 1-9, abr. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v29n51a01>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bolema/v29n51/1980-4415-bolema-29-51-0001.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

FERNANDES, S. H., A. A.; HEALY, L. Educação Matemática, um bem comunitário? Resistindo à normalização e à hegemonia do simbólico. **GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática**, São Paulo, n. 76, p. 202-220, 29 jun. 2020. Semestral. Disponível em: <http://costalima.ufrjr.br/index.php/gepem/article/view/518/892>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE, A. (Ed.). **Proceedings of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the Inter-national Group for the Psychology of Mathematics Education**. 35th Chicago, IL: Proceedings... Chicago, IL: University of Illinois at Chicago, 2013. p. 1248-1251 Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED584302.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LOPES, C. E.; D'AMBROSIO, B. S.; CORRÊA, S. A. A insubordinação Criativa em Educação Matemática Promove a Ética e a Solidariedade. **Zetetiké**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 287-300, set-dez 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.20396/zet.v24i3.8648093>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?**. 2000. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Cipriano Carlos Luckesi. **Avaliação da Aprendizagem** (19:05) 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JqSRs9Hqgtc&feature=youtu.be>. Acesso em: 08 jan. 2021. [Arquivo de vídeo]. Web.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Guidance on Open Educational Practices during School Closures: Utilizing OER under COVID-19 Pandemic in line with UNESCO OER Recommendation.** 2020. Disponível em: https://iite.unesco.org/wp-content/uploads/2020/05/Guidance-on-Open-Educational-Practices-during-School-Closures-English-Version-V1_0.pdf. Acesso em: 06 ago. 2020

PAVANELLO, R. M.; NOGUEIRA, C. M. I. Avaliação em Matemática: algumas considerações. **Estudos em avaliação educacional**, v. 17, n. 3, p. 29-41, jan.-abr. 2006. DOI 10.18222/eae173320062125. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1275/1275.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

PROVA. *In*: **Dicionário Online Michaelis**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PROVA/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Ensino a distância na educação básica frente à pandemia da covid-19.** Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/425.pdf?1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download). Acesso em: 06 ago. 2020

Recebido: 28 fev. 2021.

Aprovado: 07 jun. 2022.

DOI: 10.3895/rbect.v15n2.13886

Como citar: FAUSTINO, T. A. S. A.; FERNANDES, S. H. A. A. As insubordinações criativas promovidas nas avaliações em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v.15, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/13886>>. Acesso em: XXX.

Correspondência: Talita Araújo Salgado Alvarez Faustino - ta.s.faustino@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

